

# Macabéa

ISSN 2316-1663

Revista Eletrônica do Netli, Volume 8, Número 2, Jul.-Dez., 2019

## A ABORDAGEM CONSTRUCIONAL NOS ESTUDOS DA MORFOLOGIA DO PORTUGUÊS: O MODELO BOOIJIANO EM TERRAS BRASÍLICAS



## THE CONSTRUCTIONAL APPROACH IN THE STUDIES OF PORTUGUESE MORPHOLOGY: THE BOOIJIAN MODEL IN BRAZILIAN LANDS

João Carlos Tavares da Silva  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)  
RECEBIDO EM 06/04/2019 • APROVADO EM 31/05/2019

---

### Abstract

---

The purpose of this paper is to present a panoramic view of the model known as Constructional Morphology (MC) and its application to the analysis of Portuguese data, especially regarding the analysis of historical data. This article is therefore divided into three parts. In the first part, I give a presentation of the main premises of the MC and its formalizations, also showing how the model has unfolded in Brazil with several works already made in its light. The second part is devoted to the debate on the treatment of historical data in the MC. Lastly, cast and discuss some challenges that still need to be overcome by the model.

---

## Resumo

---

O presente texto tem por objetivo apresentar panoramicamente o modelo conhecido como Morfologia construcional (MC) e sua aplicação à análise de dados do português, sobretudo no que tange à análise de dados históricos. Este artigo está, pois, dividido em três partes. Na primeira parte, faço uma apresentação das principais premissas da MC e suas formalizações, apresentando também como o modelo tem se desdobrado no Brasil com vários trabalhos já feitos à sua luz. A segunda parte destina-se ao debate sobre o tratamento de dados históricos na MC. Por fim, elenco e discuto alguns desafios que ainda precisam ser superados pelo modelo.

---

## Entradas para indexação

---

**KEYWORDS:** Construction Morphology. Historical Linguistics. Grammatical Construction.

**PALAVRAS CHAVE:** Morfologia Construcional. Linguística Histórica. Construção Gramatical.

---

## Texto integral

---

### MORFOLOGIA CONSTRUCIONAL: A CONSTRUÇÃO NO NÍVEL DA PALAVRA

O modelo da Morfologia Construcional foi desenvolvido a partir de uma série de publicações do pesquisador holandês Geert Booij, cuja cronologia pode ser resumida como segue: *Compounding and derivation: evidence for construction Morphology* (2005) - onde se estabelecem as bases analítico-epistemológicas da MC a partir, sobretudo, de questionamentos acerca dos limites entre derivação e composição; *Construction Morphology and the Lexicon* (2007) - cujo principal ponto é o papel do léxico na morfologia; *Construction Morphology* (2010) - livro dedicado à introdução ao paradigma da MC, retomando e aprofundando questões abordadas nos trabalhos anteriores; *Morphology in Construction Grammar* (2013) e *Construction Morphology* (2016) - trabalhos em que a aplicação do modelo à flexão foi mais detalhada.

Primeiramente, cabe tecer comentários sobre a relação entre Morfologia Construcional e Linguística Cognitiva. Pode-se afirmar que a MC é um modelo alinhado à Linguística Cognitiva, uma vez que o autor: (a) assume que o componente semântico (SEM) das construções morfológicas é constituído tanto de informação estritamente semântica quanto pragmática; (b) admite a não separação rígida entre conhecimento linguístico e conhecimento enciclopédico e (c) a não separação estrita entre léxico e gramática, buscando, assim, fornecer um único quadro teórico em que as diferenças e as semelhanças entre as construções,



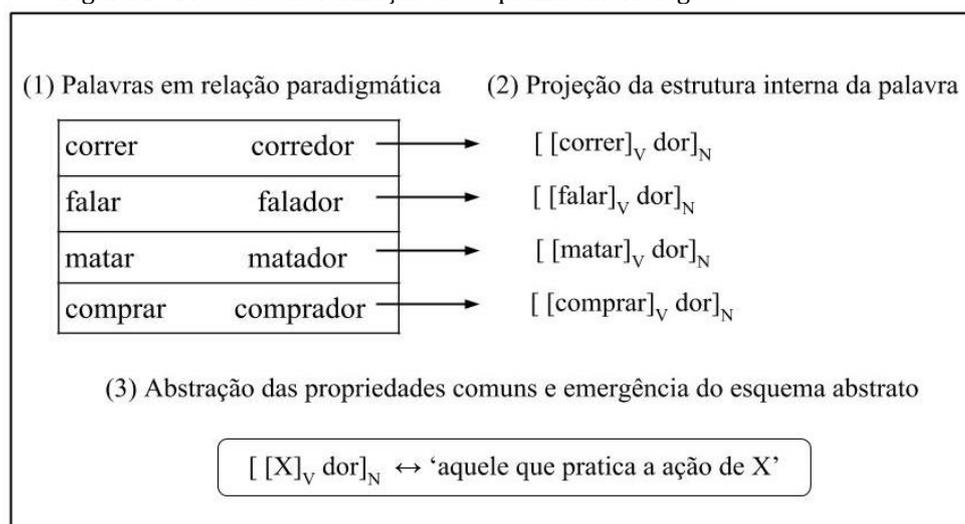
tanto no nível da palavra como nível do sintagma, possam ser explicadas; (d) busca também uma melhor compreensão da relação entre morfologia, sintaxe e léxico.

Além disso, o modelo prevê o pareamento entre o polo semântico e o polo formal de estruturas linguísticas, aproximando-se de outras abordagens construcionistas, como a de Goldberg (1995) e de Goldberg & Jackendoff (2004)<sup>1</sup>. Todas essas características aproximam o modelo construcional de Booij do paradigma geral da Linguística Cognitiva e, mais especificamente, da Gramática das Construções.

Como a morfologia é o foco do modelo, trata-se de uma abordagem que, a partir da noção mais geral de construção, desenvolve um olhar específico para o nível da palavra. Nessa abordagem, palavras são vistas como construções que podem ser *abertas* ([[X]s Y]s), *parcialmente especificadas* ([[X]s ário]s) ou *especificadas* ([[bicicleta]s ário]s)<sup>2</sup>. O significado das construções também é especificado, o que significa que é uma propriedade holística da construção como um todo.

No modelo Booijiano, padrões de formação de palavras são vistos como esquemas abstratos que podem ser abstraídos de conjuntos de palavras relacionadas paradigmaticamente. Essa visão de formação de palavras converge com a visão de Tomasello (2000, p. 238), para quem a aquisição da linguagem se inicia com armazenamento de representações mentais de casos concretos do uso da linguagem. Gradualmente, o indivíduo vai fazendo abstrações através de conjuntos de construções linguísticas com propriedades similares, então, adquire o sistema abstrato subjacente a estas construções linguísticas.

Figura 1 - Processo de formação de esquemas morfológicos



Fonte: Elaboração própria

Os pares de palavras em (1) estão em relação paradigmática. Esta relação pode ser projetada sobre a estrutura interna de uma palavra, por exemplo 'corredor', na forma da seguinte estrutura morfológica interna: [ [correr]<sub>V</sub> dor]<sub>N</sub>.

Assim, a abstração de propriedades morfossintáticas, fonológicas e semântico-pragmáticas comuns pode dar origem a um esquema abstrato, como o exemplificado em (3). Consequentemente, tal esquema abstrato pode funcionar como ponto de partida para criação de novos nomes deverbais em -dor, em que o novo nome é formado a partir da substituição de X por um verbo.

Relações paradigmáticas, inclusive, assumem um importante papel na MC. Em português, por exemplo, há dois padrões de formação de palavras que estabelecem relação paradigmática entre si, a saber, as formações X-ista e X-ismo. Do ponto de vista meramente formal, formações X-ista e X-ismo apresentam a mesma base (cf. Quadro 1). Perceba, porém, que a interpretação semântica das palavras X-ista abaixo perpassam pela semântica dos correspondentes X-ismo. Dito de outro modo, a semântica de X-ismo está contida na semântica de X-ista.

Quadro 1 - Relação paradigmática entre grupos de palavras

| <b>X-ismo</b>   | <b>X-ista</b>   | <b>X-aria</b> | <b>X-eiro</b> |
|-----------------|-----------------|---------------|---------------|
| academicismo    | academicista    | marcenaria    | marceneiro    |
| lobismo         | lobista         | padaria       | padeiro       |
| petismo         | petista         | serralheria   | serralheiro   |
| comunismo       | comunista       | sorveteria    | sorveteiro    |
| fundamentalismo | fundamentalista | livraria      | livreiro      |

Fonte: elaboração própria

A definição de ‘fundamentalista’, por exemplo, no dicionário Houaiss (2002) é “relativo ao fundamentalismo; aquele que milita no fundamentalismo”. Isso significa que a semântica dos nomes em -ista não é simplesmente uma função composicional das suas partes constituintes (não é a mera soma de fundamental + ista, por exemplo) mas contém o significado de uma palavra relacionada com o mesmo grau de complexidade (fundamental + ismo).

Do ponto de vista do uso, se o falante sabe o que uma palavra em X-ismo significa (machismo, por exemplo), ele pode criar um correspondente X-ista. Outro fato importante é que não necessariamente X-ismo será o ponto de partida, pois é possível uma palavra em -ista ser criada pelos falantes antes do seu correspondente em -ismo. Essa é outra vantagem do modelo construcional, pois relações paradigmáticas permitem formações de palavras em ambas as direções, o que não é pressuposto em modelos baseados em regras.

Outra dupla em relação paradigmática são os padrões X-aria e X-eiro, em que o primeiro padrão forma palavras que designam o local/estabelecimento onde trabalha o profissional designado pelas formações X-eiro, ambos os padrões formados pela mesma base (cf. Quadro 1). Casos como esse são um problema para

modelos baseados em regras, pois não conseguem explicar a relação semântica entre palavras com o mesmo grau de complexidade morfológica (marcen + aria : marcen + eiro).

A solução, muitas vezes, é a criação de mecanismos totalmente *ad hoc* como a *Regra de Truncamento* (RT) proposta por Aronoff (1976), criada para dar conta de dados que violam a hipótese de que palavras se formam de outras palavras e não de radicais. A RT pode ser formulada como no esquema abaixo e, aplicada aos dados do português, pressupõe que ‘marceneiro’, por exemplo, é derivado de ‘marcenaria’ após passar por uma regra de truncamento.

(1)

$$[ [ \text{raiz} + \text{A} ]_x \text{B} ]_y \Rightarrow 1 \ 0 \ 3 \quad [ [ \text{marcen} + \text{aria} ]_s \text{eiro} ]_s \Rightarrow \text{marcen} + \emptyset + \text{eiro}$$

1    2    3

Na MC, então, não só a relação entre a palavra base e palavra derivada é vista em termos de relação paradigmática (cf. Figura 1), como também padrões de formação de palavras podem estabelecer relação paradigmática entre si, o que pode ser formalizado como segue:

(2)

$$\langle [X\text{-ismo}]_{si} \leftrightarrow [SEM]_i \rangle \approx \langle [X\text{-ista}]_{sj} \leftrightarrow [\text{relativo àquele(a) que milita em SEM}]_j \rangle$$

$$\langle [X\text{-aria}]_{si} \leftrightarrow [SEM]_i \rangle \approx \langle [X\text{-eiro}]_{sj} \leftrightarrow [\text{profissional que trabalha em SEM}]_j \rangle$$

Letras maiúsculas subscritas correspondem a categorias lexicais, como S (substantivo) e V (verbo), ao passo que as letras minúsculas subscritas indicam a indexação e coindexação dos elementos (formais e/ou semânticos) no léxico. Os símbolos < > delimitam um esquema construcional. Já a seta dupla  $\leftrightarrow$  indica a correspondência entre os diferentes níveis de representação (fonológico, morfossintático e semântico). Em outras palavras, a seta dupla é usada para indicar o pareamento entre dois níveis distintos (pareamento forma e conteúdo, por exemplo). Por fim, o símbolo  $\approx$  significa “em relação paradigmática com...”.

Não só processos de formação de palavras, mas padrões flexionais também são descritos em termos de relações paradigmáticas. O esquema abaixo indica que uma palavra qualquer X de categoria N (nome) e número singular (sg) está para X-s de categoria N (nome) e número plural (pl).

(3)

$$\langle (X_i)_{\omega-j} \leftrightarrow [N_i + \text{sg}]_j \leftrightarrow [\text{SG} [\text{SEM}_i]]_j \rangle \approx \langle (X_i\text{-s})_{\omega-j} \leftrightarrow [N_i, +\text{pl}]_j \leftrightarrow [\text{PL} [\text{SEM}_i]]_j \rangle$$

Embora bem mais regular e sistemática que a derivação, a flexão também apresenta casos que são mais bem descritos numa visão construcional. Esse é o caso da relação entre classes temáticas e flexão, descrita por meio de *esquemas de segunda ordem*<sup>3</sup>. Booij (2016) exemplifica com o caso do plural em italiano. A forma do morfema plural em italiano pode ser -e ou -i a depender da classe temática da palavra (cf. 4a). O mesmo ocorre na formação do pretérito imperfeito do indicativo em português, que, a depender da classe temática, a forma selecionada pode ser -va ou -ia (cf. 4b). Os esquemas em (4c) representam a relação entre verbo infinitivo e o imperfeito do indicativo<sup>4</sup>.

(4a) Plural em italiano

| singular | plural | exemplos |       |
|----------|--------|----------|-------|
| a. x-a   | x-e    | porta    | porte |
| b. x-o   | x-i    | amico    | amici |
| c. x-e   | x-i    | torre    | torri |

(4b) Pret. imperf. em português

| tema   | pret. imp. | exemplos |        |
|--------|------------|----------|--------|
| a. x-a | x-va       | amar     | amava  |
| b. x-e | x-ia       | beber    | bebia  |
| c. x-i | x-ia       | sorrir   | sorria |

(4c) Relações paradigmática entre  $V_{\text{inf}}$  e  $V_{\text{imp. ind.}}$ 

$$\text{a. } \langle (X_i\text{-ar})_{\omega-j} \leftrightarrow [V_i]_j \rangle \approx \langle (X_j\text{-va})_{\omega-k} \leftrightarrow [V_i, \text{pass.; imp.}]_k \rangle$$

$$\text{b. } \langle (X_i\text{-er})_{\omega-j} \leftrightarrow [V_i]_j \rangle \approx \langle (X_j\text{-ia})_{\omega-k} \leftrightarrow [V_i, \text{pass.; imp.}]_k \rangle$$

$$\text{c. } \langle (X_i\text{-ir})_{\omega-j} \leftrightarrow [V_i]_j \rangle \approx \langle (X_j\text{-ia})_{\omega-k} \leftrightarrow [V_i, \text{pass.; imp.}]_k \rangle$$

Na MC, em consonância com a Gramática das Construções, esquemas são representados de acordo com o grau de especificidade e com o tipo de processo de formação de palavras. No quadro abaixo, tem-se os padrões gerais da derivação (sufixação e prefixação) e da composição, ao lado de exemplos de instanciações de cada padrão.

Quadro 2 - Padrões gerais dos processos de formação de palavras em português

| Padrões gerais  | Exemplos de instanciações  |
|---|--|
| (A) composição: [ [X] <sub>X</sub> [Y] <sub>Y</sub> ] <sub>N</sub>  | [ [caixa] <sub>S</sub> [dois] <sub>NUM</sub> ] <sub>N</sub>  |
| (B) prefixação: [X [Y] <sub>Y</sub> ] <sub>Y</sub>  | [ re [fazer] <sub>V</sub> ] <sub>V</sub>   |
| (C) sufixação: [ [X] <sub>X</sub> Y ] <sub>Y</sub> ou X (a depender de onde está a cabeça da construção: à direita ou à esquerda) | [ [coroar] <sub>V</sub> ção ] <sub>S</sub> [ [livro] <sub>S</sub> inho ] <sub>S</sub><br>(cabeça à direita)                      (cabeça à esquerda) |

Fonte: elaboração própria

Nos esquemas, X e Y representam sequências fonológicas, que podem ser palavras, radicais, afixos ou qualquer outra categoria morfológica. O esquema geral da composição, representado em (A), mostra que, em português, duas sequências fonológicas ( [X] e [Y] ) de categorias quaisquer formam um composto nominal - substantivo ou adjetivo<sup>5</sup>.

O modelo também se mostra apropriado ao tratamento da composição *super produtiva*. Entende-se como *composição super produtiva* aquela que se presta à formação de série de palavras. São compostos do tipo ‘bolsa-X’, ‘auxílio-X’, ‘vale-X’, ‘maria-X’, ‘X-bomba’ e ‘mulher-X<sub>[fruta]</sub>’<sup>6</sup>, em que um dos elementos constituintes tem posição fixa (à esquerda ou à direita). Formar palavras em série e apresentar elemento fixo são características típicas de processos derivacionais, o que mostra que compostos superprodutivos têm comportamento dúbio, logo um problema para modelos baseados em regras<sup>7</sup>.

(5)

|                |                     |                 |
|----------------|---------------------|-----------------|
| bolsa-família  | auxílio-aluguel     | vale-refeição   |
| bolsa-escola   | auxílio-alimentação | vale-transporte |
| maria-gasolina | homem-bomba         | mulher-         |
| maria-chuteira | carro-bomba         | moranguinho     |
|                |                     | mulher-pera     |

Os esquemas (B) e (C), respectivamente prefixação e sufixação, diferem de (A) pelo fato de um de seus elementos não ter etiqueta lexical, ou seja, tal elemento não-etiquetado não corresponde a um lexema e, por isso, só se realiza dentro da

construção. Essa, inclusive, é a diferença entre os esquemas da derivação e da composição: a presença de um elemento não etiquetado.

A construção  $[re [X]_V]_V$  é derivada do esquema geral  $[X [Y]_V]_Y$ . A classe gramatical das palavras prefixadas é idêntica à da base (marcado na construção pelos dois Vs subscritos e no esquema geral pelos dois Ys). Além disso, a base será sempre a cabeça da construção, como comprovam as paráfrases “Ler de novo” e “Fazer novamente”.

Diferentemente, na sufixação, é possível que o elemento preso porte informação sintática (etiquetando lexicalmente a construção) e constitua a cabeça categorial, além de atribuir gênero, como se pode ver no contraste entre as construções  $[[X]_V \text{ção}]_s$ ,  $[ [X]_s \text{ada}]_s$  e  $[ [X]_s \text{inho}]_s$ .

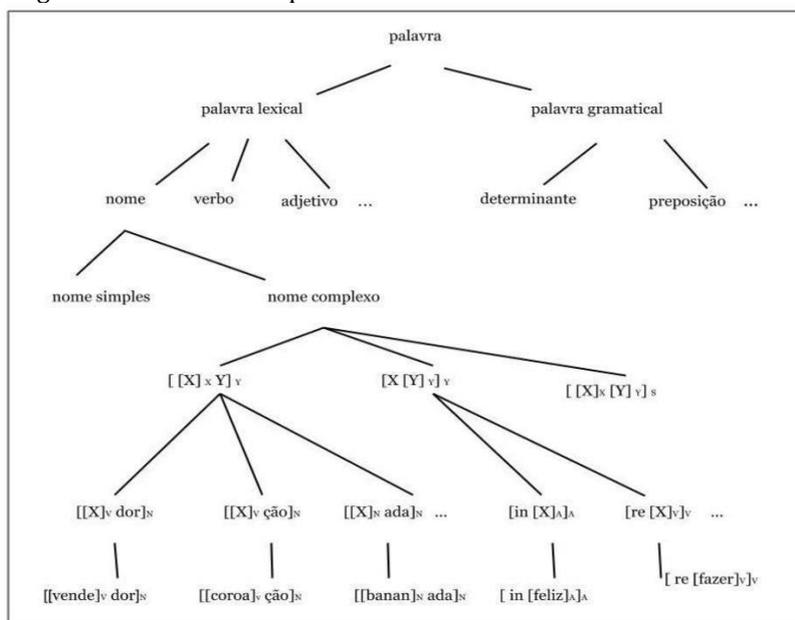
Quadro 3 - Diferentes padrões morfossintáticos na sufixação

| <b>[ [X]<sub>s</sub> inho ]<sub>s</sub> - livrinho</b><br>(livro pequeno) | <b>[ [X]<sub>s</sub> ada ]<sub>s</sub> - macarronada</b><br>(prato à base de macarrão) | <b>[[X]<sub>v</sub> ção ]<sub>s</sub> - coroação</b><br>(ato de coroar) |
|---|--|---|
| cabeça à esquerda   | cabeça à direita   | cabeça à direita  |
| sem atribuição de gênero  | atribuição de gênero   | atribuição de gênero  |
| sem mudança categorial  | sem mudança categorial   | mudança categorial  |

Fonte: Tavares da Silva (2017)

Outra noção cara ao modelo é a noção de léxico hierárquico, em que se pressupõe uma série de subclassificações (cf. Figura 2) organizadas hierarquicamente até chegar ao nível da palavra individual. O léxico, então, não é entendido como mera lista de palavras e/ou construções, mas como um conjunto estruturado de construções dos mais variados níveis de especificidade (abertas, parcialmente especificadas, especificadas).

Figura 2 - Léxico hierárquico



Fonte: Tavares da Silva (2017)

Nessa rede de relações, cada esquema é instância de um esquema em nível imediatamente superior, do qual herda propriedades morfosintáticas e semânticas. A palavra complexa individual é, por sua vez, o resultado da unificação de uma palavra base com um esquema. O termo *unificação* é usado para designar a operação de substituição de uma variável no esquema por uma palavra. Uma palavra complexa como ‘vendedor’, com o significado “aquele que vende algo”, é criada através da unificação do item lexical vender com o esquema [ [X] dor].

É importante, porém, atentar para o fato de que, no processo de unificação, as propriedades semântico-gramaticais tanto da construção quanto da palavra base têm papel ativo, instaurando uma relação bidirecional em que tais propriedades se compatibilizam. Isso fica evidente se atentarmos para o fato de a palavra ‘vendedor’ ativar o *frame* de ‘evento comercial’ (FILLMORE, 1982, p. 116-117). Tal *frame* emerge do verbo ‘vender’ e não da construção, o que pode ser comprovado pelo fato de só ser ativado em palavras X-dor cuja base faz parte da rede de ‘evento comercial’ (‘vendedor’, ‘comprador’, ‘cobrador’, ‘mercador’) e estar ausente nas demais palavras X-dor (‘corredor’, ‘prestador’, ‘mergulhador’, ‘perseguidor’, etc.).

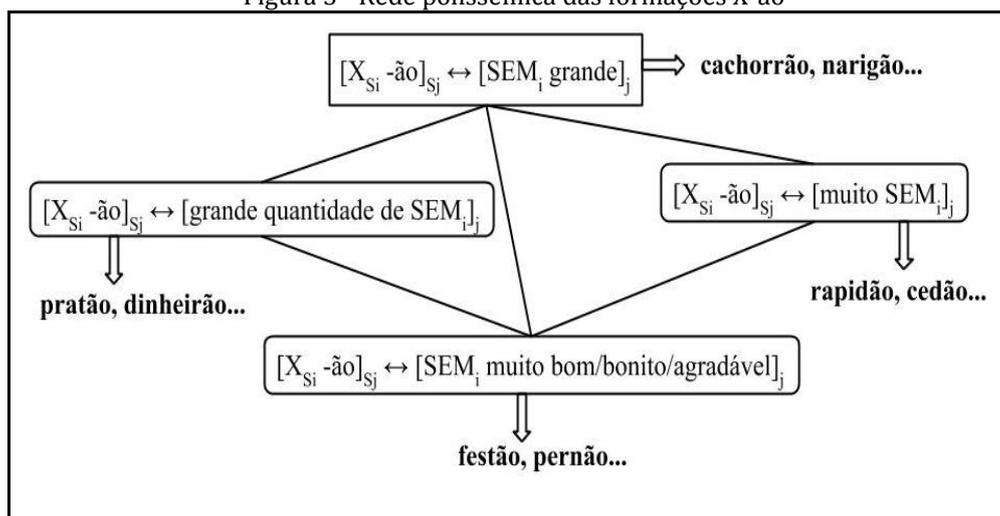
Outra vantagem de uma abordagem construcional é um melhor tratamento das “imprevisibilidades”. Numa regra, tudo é (ou deve ser) previsível: a categoria lexical do input e do output, a forma de entrada e de saída, o significado do produto etc.. Desvios a essas previsibilidades são sempre problemáticos, muitas vezes, exigindo malabarismos analíticos e teóricos.

Tomando como exemplo as formações X-nte no português, há algumas poucas exceções, como as palavras ‘cadeirante’ e ‘feirante’, que fogem ao padrão esperado, uma vez que suas palavras bases são nomes e não verbos. Mesmo apresentando tal peculiaridade, tais palavras mantêm regularidades com outras formações X-nte, como (a) a categoria dos produtos (Nome: substantivo ou adjetivo), (b) o caráter agentivo, (c) a função atributiva ou predicativa e (d) o gênero latente. O fato de tais palavras serem formadas a partir de substantivos evidencia que nem toda informação do nó dominante é inteiramente preservada<sup>8</sup>.

No que tange ao tratamento da polissemia, os vários significados existentes são considerados como extensões de um significado prototípico que é tomado como ponto de partida, o que resulta numa rede de esquemas e subesquemas. Em outras palavras, à medida que uma diferença semântica se tornar produtiva, esta pode e deve ser representada em esquemas.

Nas formações X-ão, por exemplo, o significado considerado prototípico é o de *tamanho* (ALVES & GONÇALVES, 2014), do qual derivam as acepções *quantidade*, *intensidade*, *avaliação*, entre outras.

Figura 3 - Rede polissêmica das formações X-ão



Fonte: Elaboração própria

A figura acima é parte da rede polissêmica proposta por Alves & Gonçalves (2014)<sup>9</sup>. Extensões polissêmicas podem decorrer de processos metafóricos ou metonímicos, resultando em subesquemas. Estes, por sua vez, herdaram propriedades do esquema-mãe. A acepção *quantidade*, por exemplo, resultado da metáfora “tamanho é quantidade”, herda do protótipo a noção de “proporção para mais”, resultando no significado “grande quantidade de X” ou “grande parte de X”.

Em suma, os trabalhos de Booij que instituem a Morfologia Construcional versam sobre padrões derivacionais, sobre composição, sobre os limites entre compostos e sintagmas (ou seja, entre morfologia e sintaxe), e sobre flexão. No Brasil, diversos trabalhos podem ser encontrados nessa linha, tais como Gonçalves & Almeida (2014), Gonçalves & Carvalho (2016), Tavares da Silva (2017) e Simões Neto (2019), apenas para citar alguns.

Mas o modelo também tem se mostrado promissor na análise de outros processos morfológicos como os compostos neoclássicos (GONÇALVES & PIRES, 2016), a recomposição (GONÇALVES & OLIVEIRA, 2016), a reduplicação (VIALLI, 2013; GONÇALVES & VIALLI, 2016 e 2017), o cruzamento vocabular e as formações com splinters (GONÇALVES, 2016; ANDRADE & RONDININI, 2016; ROSITO DE OLIVEIRA, 2017; PIRES, 2018), além de ter embasado trabalhos sobre antroponímia (ANDRADE & RONDININI, 2016; SIMÕES NETO & SOLEDADE, 2018) e morfologia histórica (SOLEDADE & SIMÕES NETO, 2015; SIMÕES NETO, 2016, 2017a e 2017b)

Por ser um modelo relativamente recente, principalmente em sua aplicação aos dados do português, carece-se de trabalhos (até onde se sabe) sobre parassíntese, derivação regressiva, truncamento, hipocorização e siglagem. É importante que se preencham essas lacunas. Sendo a MC um modelo que se propõe à análise morfológica, sua aplicação deve abranger toda a morfologia, desde os casos mais pacíficos aos mais polêmicos, pois apenas demonstrando, por meio de dados e fatos concretos, a aplicabilidade de suas premissas à morfologia como um todo é que o modelo ganhará em coerência e consistência.

## MORFOLOGIA CONSTRUCIONAL E A ABORDAGEM HISTÓRICA

Booij (2010), ao analisar determinados casos sob a ótica da teoria da gramaticalização, ao admitir que há casos que só podem ser explicados pela diacronia, ao levar em consideração fatores de ordem externa ao sistema linguístico e ao considerar que o conhecimento linguístico emerge e se estrutura a partir do uso efetivo da língua em eventos comunicativos reais, deixa implícito seu posicionamento sobre língua e mudança: esta como fenômeno gradual, multifacetado e encaixado na estrutura social; aquela como sistema dinâmico e emergente.

O autor, porém, não elabora uma proposta consistente de análise e representação de dados históricos, não indo além de esquemas soltos, que, por muitas vezes, parecem desconectados. A seguir, apresento, pois, uma análise acerca da gramaticalização do formativo eletro-, seguida de uma proposta de formalização para a análise diacrônica, ressalvadas limitações que serão discutidas adiante.

O formativo eletro- vem do grego *elektron*, que significa âmbar, uma resina fóssil amarelada que, ao ser atritada, é capaz de atrair pequenos corpos que lhe estão próximos, ou seja, era uma palavra (forma livre). Mas foi apenas no Renascimento, período também em que surgem os internacionalismos<sup>10</sup>, em que se deu a associação entre os fenômenos hoje conhecidos como elétricos e a palavra *electrum*, forma latinizada de *elektron*, devido à propriedade atrativa do âmbar quando atritado. Nesse período, as formas neolatinas *electrum* (âmbar) e *electricus* (semelhante ao âmbar) ainda funcionam como palavras, mas já se associam a afixos nativos do inglês para formar novas palavras (*electricity*; 1646)<sup>11</sup>

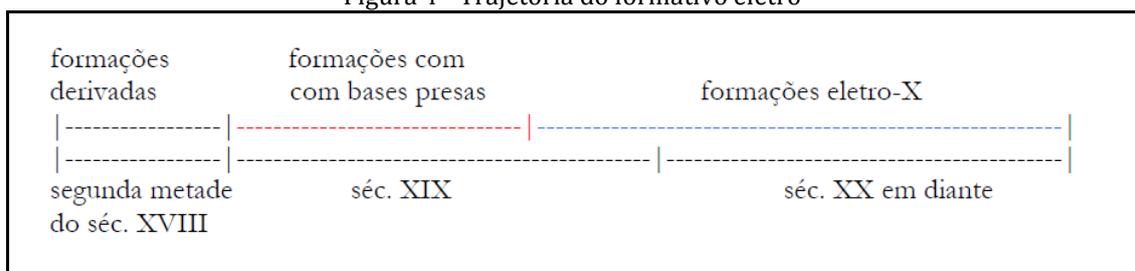
Em português, o uso mais antigo de eletro, segundo Houaiss (2002) e Cunha (1982), data do séc. XVII (1672). Essa datação não se refere a eletro como

formativo, mas como palavra, significando ‘liga de ouro e prata’. As formações morfológicamente complexas mais antigas são do séc. XVIII. São palavras derivadas (eletro- + sufixo) como ‘eletricidade’ (1759), ‘elétrico’ (1789) e ‘eletrizar’ (1789).

Todas as formações com bases presas datam do séc. XIX (‘eletróforo’ (1844) e ‘eletrografia’ (1899), por exemplo) e praticamente todas as formações eletro-X são do séc. XX, com algumas já da segunda metade do séc. XIX, a exemplo de ‘eletrogalvânico’ (1873) e ‘eletroímã’ (1899). Do séc. XX em diante, eletro- deixa de se adjungir a afixos e bases presas para se anexar apenas a formas livres, cristalizando a construção eletro-X, em que X é uma forma livre e eletro-, um elemento com comportamento muito próximo ao de um prefixo.

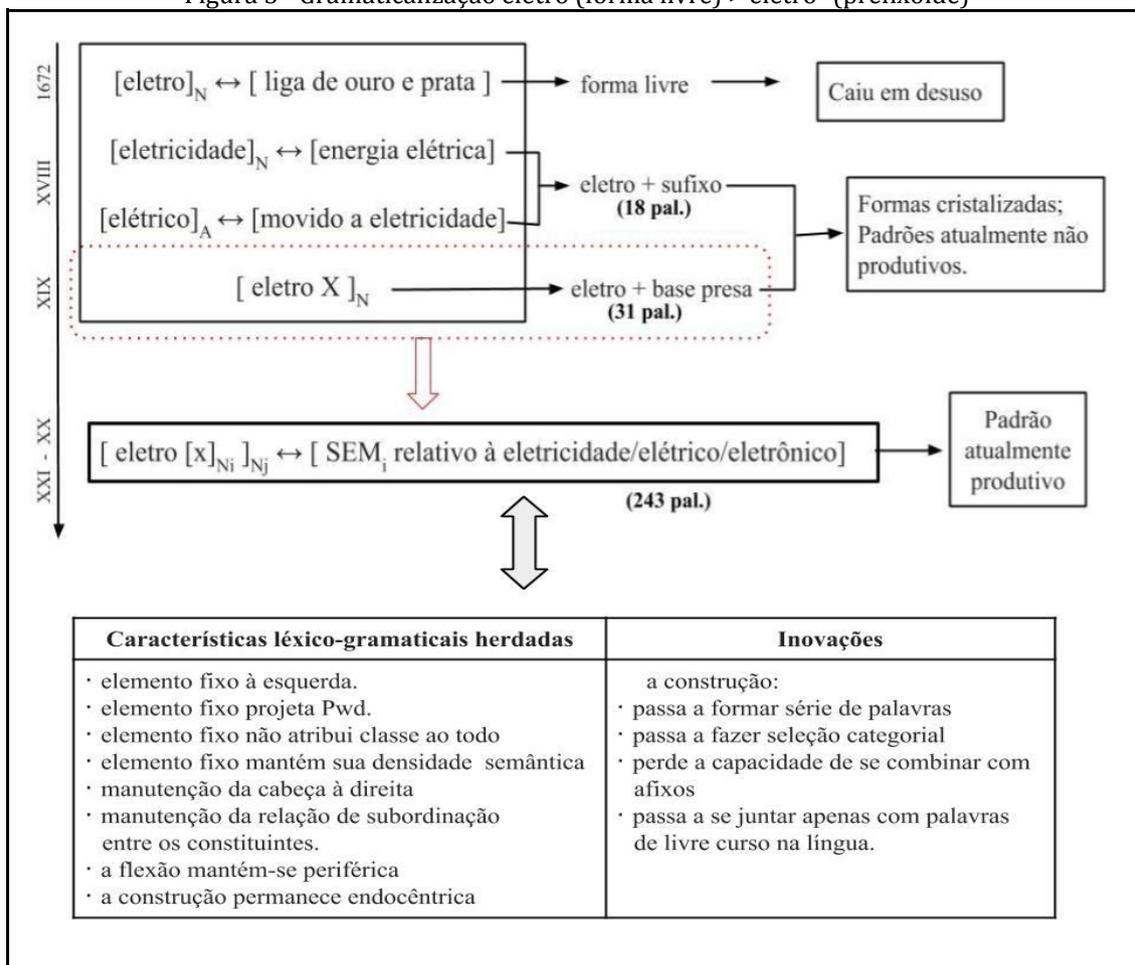
Cabe ressaltar que a análise dos dados e a pesquisa em dicionários etimológicos, revelaram também que, muito provavelmente, as construções ‘eletro+afixo’ e ‘eletro+base presa’ são decalques<sup>12</sup> do inglês, em oposição às construções eletro-X, que seriam as únicas verdadeiramente autóctones. A figura 4 ilustra a trajetória de eletro- desde seu estatuto de radical até se tornar um afixoide<sup>13</sup>; já a figura 5 é uma proposta de representação dessa trajetória à luz da MC.

Figura 4 - Trajetória do formativo eletro-



Fonte: Tavares da Silva (2013)

Figura 5 - Gramaticalização eletro (forma livre) &gt; eletro- (prefixoide)



Fonte: elaboração própria.

O retângulo superior esquerdo contém as formações mais antigas e não mais produtivas. O retângulo pontilhado junto à seta indica que a construção eletro-X, hoje produtiva, deriva da construção 'eletro + base presa'. É preciso entender que essa trajetória envolve uma série de processos que podem (e devem) ser acrescidos à representação esquemática. Na figura 5, por exemplo, além dos esquemas, há informação sobre o caráter produtivo de cada esquema.

Cabe, então, a reflexão sobre o que é pertinente à representação e como deve ser representado. Um padrão de formação de palavras ser produtivo ou não concerne à competência lexical do falante; logo é algo que precisa ser representado, especialmente num modelo que se propõe baseado nos usos concretos.

Soledade (2018) também critica a ausência da produtividade das construções na representação, propondo que o número de dados ou o percentual seja posto junto a cada subesquema, hierarquizando-os, assim, conforme sua maior ou menor produtividade. Tal proposta é feita para análise de dados do português arcaico e,

em se tratando de sincronia pretérita, muitas vezes o número de dados é o que resta para uma possível inferência acerca da produtividade. Entretanto, para dados da atualidade, ou mesmo numa análise diacrônica, pôr o número de dados na representação não é suficiente, pois não bastam para revelar a diferença entre produtividade e prolificidade<sup>14</sup>, podendo essa inespecificidade levar a conclusões equivocadas.

Em estudos diacrônicos, então, uma forma mais adequada de representar a produtividade seria acrescentar à representação informações explícitas sobre a produtividade da construção (construção produtiva/não mais produtiva etc.) e sobre a trajetória da mudança por meio de datações (cf. Figura 5). Com relação ao número de dados, deve-se atentar para o fato de que ele pode variar de pesquisa a pesquisa, o que significa que, objetivamente, o número de dados revela apenas o *corpus* coletado e não o número real de palavras na língua para um dado padrão de formação. Sendo assim, a quantificação de dados na representação é bem vinda, desde que não se perca a noção de que tal informação não revela a prolificidade exata, tampouco a produtividade de um padrão de produção, mas apenas um dado complementar, até certo ponto dispensável em estudo diacrônico ou de sincronia atual, mas útil em sincronia pretérita.

Em se tratando de uma rede diacrônica, é importante explicitar também as alterações léxico-gramaticais das construções. Isso está em consonância com um dos principais pressupostos da abordagem construcional, a saber, o de que todas as informações léxico-gramaticais, mesmo as mais particulares, fazem parte da construção como um todo. Isso significa que, assim como a produtividade, características léxico-gramaticais também devem ser formalmente representadas, o que foi feito por meio da conexão entre o esquema construcional e o quadro com as propriedades herdadas da construção mãe e as propriedades próprias da construção inovadora.

Em todo processo de gramaticalização, há propriedades da categoria de origem que se mantém na nova categoria (coluna esquerda do quadro), assim como há a emergência de propriedades inteiramente novas (coluna direita). Cabe ressaltar que esse foi um processo que levou séculos para se implementar, como bem mostram as figuras 4 e 5, e que a mudança é sempre gradual. Isso significa que, apesar de a coluna esquerda indicar os resquícios da construção ‘eletro + base presa’, há propriedades ali que remontam a eletro em seu estatuto de radical/palavra, como a densidade semântica e a projeção de palavra prosódica. Em outras palavras, densidade semântica e projeção de Pwd são características de eletro ‘forma livre’ e ‘eletro + sufixo’ que permaneceram na construção ‘eletro + base presa’, e que continuam a permanecer nas construções ‘eletro-X’.

A inclusão do quadro de propriedades léxico-gramaticais na representação visa resolver a questão de não reduzir a representação ao simples pareamento forma-conteúdo. Assim, colocá-lo junto à representação dos esquemas parece indispensável, por revelar propriedades e alterações léxico-gramaticais das construções no processo de mudança linguística. Deve-se admitir, porém, que essa inclusão torna a representação menos econômica e que, muitas vezes, ela pode ser inviável ou mesmo impossível, o que gera mais um impasse com relação ao que é pertinente à representação.

Problemática também é a organização visual aqui posta nos moldes boojianos, que sugere não só uma linearidade entre os três padrões (eletro + afixo; eletro + base presa; eletro-X), como também uma mudança abrupta em vez de gradual como de fato ocorreu. Em outras palavras, um padrão de formação de palavras não deixa de ser produtivo para logo em seguida surgir um novo padrão. A mudança linguística é repleta de sobreposições de natureza variadas. Prova disso são palavras ‘eletro+afixo’ e ‘eletro+base presa’ com a mesma datação – ‘eletrização (1844) e ‘eletróforo’ (1844); ‘eletricista’ (1899) e ‘eletrologia’ (1899). A mesma sobreposição ocorre entre as palavras com base presa (‘eletrólito’ (1858); ‘eletrógeno’ (1899)) e as palavras eletro-X, em que X é uma palavra de livre curso na língua (‘eletromagnético’ (1858); ‘eletroímã’ (1899) ).

Além disso, embora as datações indiquem que as construções eletro+afixo e eletro+base presa tenham deixado de ser produtivas, respectivamente, nos séculos XIX e XX, não se pode desconsiderar que atualmente essas palavras permanecem na língua e sendo utilizadas pelos falantes. Assim, deve-se questionar

até que ponto elementos de uma rede (não) se influenciam mutuamente durante o processo de criação de uma palavra? Não condiz com o efetivo uso da língua o pressuposto de que os falantes têm na mente esquemas e subsquemas relativamente autônomos e que formam novas palavras acessando um (e apenas um) esquema A, B ou C, respeitando integralmente os limites morfossêmanticos e pragmáticos previstos por esse esquema. É justamente esse pressuposto que ainda aproxima o modelo Boojiano dos modelos gerativos baseados em RFPs. (TAVARES DA SILVA, 2017: 213)

As representações lineares ainda são nitidamente limitadas. Mais uma vez, Soledade (2013) traz reflexões pertinentes com relação à linearidade da representação bidimensional.

A teia de significados desse sufixo, já no português arcaico, não parece admitir um desencadeamento contínuo da polissemia, mas apresentaria uma rede de relações semelhante ao nosso sistema neuronal. E se se pretende estabelecer esquemas que de fato representem, imagetivamente, as relações entre os diversos sentidos de um sufixo como o -eir, e provavelmente de qualquer outro sufixo, as formulações teriam de se aproximar de algo como as redes neurais ou neuronais utilizadas no âmbito da inteligência artificial. Ainda que careçam da tridimensionalidade que um esquema construcional de formação de palavras deveria supor, esse tipo de representação imagética poderia cumprir, ainda que parcialmente, a função de explicitar a complexidade da teia polissêmica de um dado elemento linguístico. Uma organização dos esquemas construcionais em rede revelaria que as relações entre os sentidos dos sufixos ao mesmo tempo que mais plurais, no sentido de multiplicidade de relações são mais

estreitas porque se unificam todos os usos do sufixo em torno de uma rede interligada nem sequencial nem radial, mas sim multipolarizada. (SOLEDADE, 2013, p. 108)

Assim, justamente por ser gradual, a multipolarização atestada na polissemia, como bem aponta Soledade, é característica também da mudança linguística, sobretudo quando as formas mais antigas coexistem com as mais inovadoras.

Em suma, a análise construcional booiijiana, tal qual como apresentada pelo autor, precisa de adaptações e extensões para um melhor tratamento de dados históricos. A presente seção se propôs ao debate de aspectos ainda problemáticos e de possíveis soluções. A próxima seção destina-se a apresentar e discutir outros pontos em que a MC precisa de reformulação para que ganhe em consistência e generalidade analítica.

## **MORFOLOGIA CONSTRUCIONAL E OS DESAFIOS A SEREM TRANSPOSTOS**

Pode-se dizer que a MC é um modelo ainda em construção, o que fica nítido na própria cronologia das publicações de Booij e nos pontos centrais abordados em cada um dos trabalhos. No Brasil, alguns pesquisadores têm analisado criticamente as propostas de Booij e têm se debruçado a refletir sobre os aspectos problemáticos do modelo, propondo soluções em alguns casos. A seguir, serão discutidos quatro desses aspectos, a saber, (i) o polo semântico das construções, (ii) as propriedades essenciais dos esquemas, (iii) a rede de construções e (iv) a polissemia.

Os três primeiros pontos foram discutidos, respectivamente por Tavares da Silva (2017), Simões Neto (2017a) e Soledade (2018). O tratamento da polissemia permeia os três trabalhos, mas o aspecto que se quer enfatizar aqui consta do trabalho de Soledade (2018). Devido à importância dessas questões para uma teoria morfológica, (re)apresento aqui os debates levantados pelos autores (em vez da mera indicação da leitura), com alguns acréscimos meus para este texto.

Com relação ao primeiro ponto, a MC preconiza que o polo semântico das construções hierarquicamente superiores deve ser o mais abrangente possível a ponto de abarcar todas as acepções hierarquicamente subordinadas. Tal abrangência, porém, não é detalhada e não vai além de paráfrases vagas. Em meu trabalho sobre esquemas de imagem na formação dos denominais em português (TAVARES DA SILVA, 2017), discuto o quão problemático é limitar a descrição semântica a paráfrases:

O que estou chamando de problema da paráfrase é justamente o impasse que reside no fato de que testes para fins taxonômicos baseados em paráfrases serão sempre imprecisos, uma vez que as palavras são polissêmicas. Assim, uma paráfrase nunca vai ser abrangente ou definitiva o suficiente. Definir uma palavra ou o valor semântico de uma relação lexical como a meronímia, por

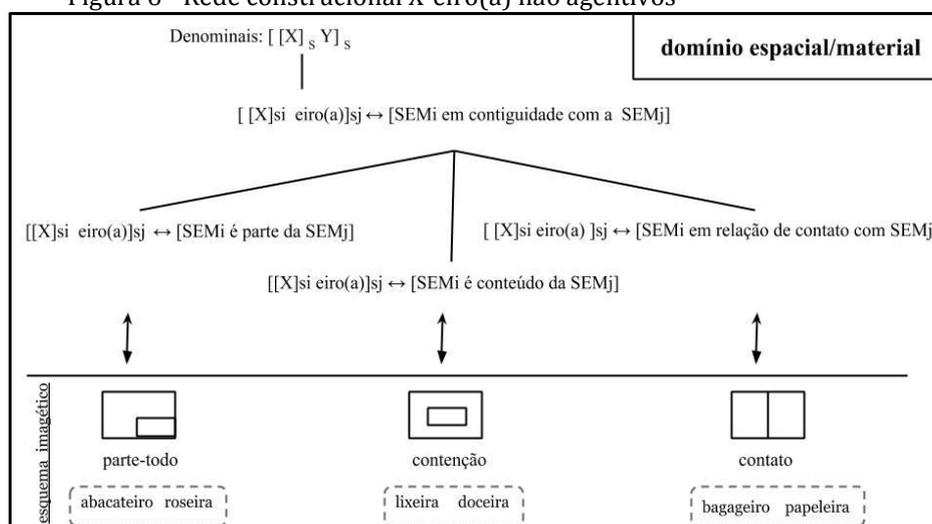
exemplo, tem passado pelo problema de se valer de paráfrases, e lidar apenas com definições parafrásticas significa lidar com uma gama de imprecisões das quais não se pode escapar. (TAVARES DA SILVA, 2017: 86)

Não são raros exemplos que não se encaixam muito bem na(s) paráfrase(s) prevista(s) para uma determinada construção, ao mesmo tempo em que não configuram um grupo à parte. Assim, se por um lado, palavras como ‘aviário’, ‘bromeliário’, ‘herbário’, dentre outras, podem ser parafraseadas por “local onde se cria/cultiva X” (sendo X o significado da base), por outro lado, formas como ‘bicicletário’, ‘fraldário’ e ‘berçário’ não se encaixam muito bem nessa descrição.

Os agentes profissionais X-eiro(a) precisam, basicamente, de duas paráfrases relativamente distintas para abarcar todas as formações do português: “Aquele que trabalha com X” (‘sapateiro’, ‘sorveteiro’, ‘relojoeiro’) e “Aquele que trabalha em X” (‘açougueiro’, ‘caseiro’, ‘quiosqueiro’). Nenhum estudioso, porém, diria que se trata de dois grupos semânticos distintos, e, conseqüentemente, duas construções.

A abordagem semântica por meio de *esquemas de imagem e domínios cognitivos* se mostrou o nível esquemático ótimo para se alcançar generalizações abrangentes e coerentes.

Figura 6 - Rede construcional X-eiro(a) não agentivos



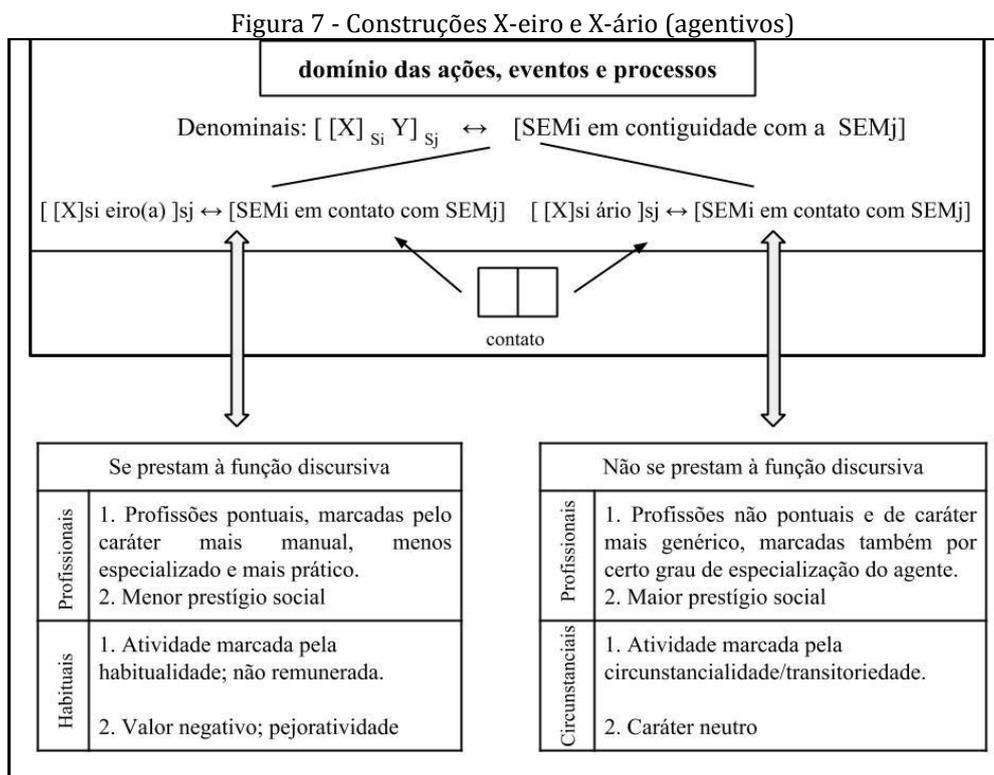
Fonte: Elaboração própria

A figura acima é um exemplo da aplicação da proposta aos denominais X-eiro não agentivos que denominam entidades concretas. No nó mais alto da rede, está o esquema geral dos denominais. Logo abaixo, o esquema dos denominais X-eiro e, subordinado a ele, seus subesquemas, cada um motivado por um dos EIs de contigüidade (parte-todo, contêiner e contato). A representação acima demonstra a relação sistemática que há entre a semântica da base e a semântica da palavra

derivada. Em palavras X-eiro que designam plantas, por exemplo, há uma relação sistemática de parte-todo, sendo a base sempre a parte e a palavra derivada sempre o todo (abacate : abacateiro). Assim, o ponto central do trabalho é propor, como solução ao problema da descrição meramente parafrástica, uma descrição semântica em nível esquemático, ou seja, *puxando o significado para cima*, nos termos de Soares da Silva (2006).

Numa análise em nível mais esquemático, palavras como ‘bagageiro’, ‘prateleira’, ‘pulseira’, ‘cotoveleira’ e ‘cabideiro’, que geralmente são distribuídas em subgrupos com poucas palavras cada um, estão todas reunidas sob o mesmo rótulo, a saber, entidades concretas não agentivas ancoradas no EI de contato. Em outras palavras, todas elas são instanciações de um mesmo subesquema, pois nessas palavras há uma relação sistemática de contato entre a entidade designada pela base e a entidade designada pela palavra derivada. As diferenças semânticas entre elas se justificam quando *puxamos o significado para baixo*, ou seja, para o nível dos usos mais contextuais.

É conjugando essas duas análises, e com base em dados históricos, que demonstro que as construções agentivas X-eiro e X-ário, por exemplo, têm exatamente o mesmo “esqueleto”; ambas são ancoradas no EI de contato no domínio das ações, eventos e processos. A diferença entre elas está nos valores semântico-pragmáticos codificados em cada construção.



Fonte: Elaboração própria

Na representação acima, é importante notar que (a) a semântica dos

denominais é esquematicamente mais genérica, uma vez que contiguidade é uma relação que abarca contato, ou seja, contato é uma das formas possíveis de contiguidade, e que (b) as construções X-eiro e X-ário apresentam semântica (esquematicamente) idênticas. Elas diferem, pois, em seus valores semântico-pragmáticos, o que está representado nos quadros ligados pelas setas duplas.

Assim, a proposta tenta resolver o problema de restringir o significado das construções a meras paráfrases vagas e, muitas vezes, condicionadas exclusivamente à intuição do analista, ao mesmo tempo em que aponta para a importância de conjugar as duas análises semânticas, puxando o significado para baixo e para cima.

Com relação ao segundo ponto, as propriedades essenciais dos esquemas propostas por Booij, merecem destaque a herança total do corpo fônico e a explicitação da categoria do *output*, vista como imprescindível. A primeira se mostra problemática por suas implicações para a análise da alomorfia. Já a segunda apresenta conflito com os casos de flutuação categorial produtiva.

A herança total do corpo fônico, ou seja, a palavra base estar maximamente contida na palavra derivada, é posta como propriedade essencial dos esquemas. Entretanto, Booij (2014: 24) admite que “*um certo grau de alomorfia não impede o reconhecimento de relações lexicais*”, o que pode ser exemplificado com os dados do português em (1) e (2) abaixo.

Quadro 4: Distanciamento fônico entre radicais alomórficos

|                                |   |  |
|--------------------------------|---|--|
| + distanciamento fônico -<br>↓ | (1) acadêmi[k]o > academi[s]ista; academi[s]ismo<br>elétr[i]k]o > eletri[s]ista; eletri[s]idade<br>pacien[t]e > paciên[s]ia | (2) prof[e]t]a > prof[e]s]ia<br>pedago[g]o > pedago[ʒ]ia<br>análo[g]o > analo[ʒ]ia; analo[ʒ]ismo |
|                                | (3) coleção > colecionar; infecção > infeccionar; seleção > selecionar  |  |
|                                | (4) árvore > arbóreo; lágrima > lacrimal; vidro > vitral  |  |
|                                | (5) chuva > pluvial; ilha > insular; peixe > pisceo   |  |

Fonte: Elaboração própria

Em (1) e (2), a diferença na forma não é suficiente para anuviar outras “pistas”, como a relação semântica entre os pares, como a relação paradigmática entre a classe da palavra base e o padrão de formação (por exemplo, <[X]AD]i> ≈ <[X]AD]i ista]Sj>), e como a relação semântica entre a palavra de radical alomórfico e outras palavras com o mesmo sufixo. Mesmo em casos com maior grau de distanciamento, como em (3), o reconhecimento da relação pode não ser afetado.

Simões Neto e Soledade (2015) afirmam que o autor não destaca até que ponto a alomorfia impede ou não o reconhecimento das relações. De fato, o debate não é aprofundado e não há sequer exemplos de casos em que a diferença de forma

atranque o reconhecimento das relações entre as palavras e os esquemas. Os dados do quadro 4 dão mostra de que (a) há uma gradação de distanciamento fônico entre base e palavra derivada e de que (b) os dados em (4) e (5) sinalizam a necessidade de o conhecimento histórico da língua ser considerado na descrição morfológica. Pode-se argumentar que, em (3), há também um radical alomórfico que remete ao étimo latino (*collectio, ōnis.*, com a base *coleccion*). Entretanto, é possível propor que devido ao maior grau de transparência o conhecimento histórico seja dispensável.

Cabe ressaltar ainda que o debate sobre a alomorfia na MC fica restrito ao radical, o que também pode ser caracterizado como uma lacuna.

Ainda que a abordagem de Booij (2010, 2014) seja de uma morfologia baseada em palavras, não há no modelo discussão sobre o fenômeno da alomorfia se estender aos afixos, questionando, se, para sufixos tidos como alomorfes, a herança total do corpo fônico é também uma propriedade, até certo ponto, anulável. (...) **Se a proposta de aceitar alomorfias previsíveis e regulares não for estendida à realidade dos afixos, será necessário um esquema diferente para cada afixo alomorfe da língua.** [grifo meu] (SIMÕES NETO, 2017a: 9 - 10)

A explicitação da categoria do output também é uma propriedade considerada imprescindível na proposta de Booij. Simões Neto (2017a) aponta como problema casos de flutuação categorial produtiva, a exemplo da flutuação entre as categorias substantivo e adjetivo em português. Para o autor, é importante pôr em questão se, dentro do modelo de Booij (2010, 2014), “a categoria do output não é, até certo ponto, anulável, quando a extensão categorial é muito produtiva no sistema linguístico em uso”. (SIMÕES NETO, 2017a: 486)

No que tange ao tratamento da relação entre esquemas e subesquemas, Soledade (2018) questiona a real existência de um esquema semanticamente genérico.

O que devemos nos perguntar é se, de fato, o cérebro humano chega a gerar esse esquema dominante, com o polo semântico da construção caracterizado por uma especificação geral o suficiente para abrigar as diversas possibilidades de significação das instanciações desse esquema? Não acreditamos que seja o caso. (SOLEDADE, 2018: 247)

Se, por um lado, morfemas não consistem em um pareamento independente de forma e significado, por outro lado, esquemas morfológicos só são abstraídos a partir de construções morfológicas plenamente especificadas. Isso leva a autora a concluir que “um esquema dominante com a contraparte semântica geral é, a nosso ver, mais um recurso metodológico do que uma descrição de um componente real da estrutura hierárquica do léxico. A solução seria então abolir essa representação” (SOLEDADE, 2018: 247).

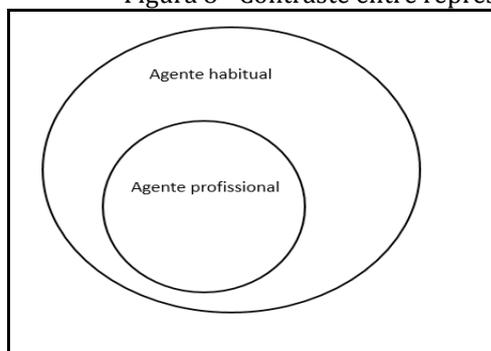
A questão que se coloca é: como representar a polissemia entre os subesquemas sem que precisemos criar esquemas dominantes formal e/ou semanticamente mais genéricos? Para a autora o elo entre os esquemas polissêmicos estão apenas nas relações de sentido que estabelecem entre si, e essas relações, afirma, “*não estão, de forma alguma, contempladas na formulação proposta por Booij*”. (SOLEDADE, 2018: 247).

Um exemplo dessas relações está no próprio trabalho de Soledade (2018) ao tratar da polissemia dos agentes X-dor. Tradicionalmente, dividem-se os agentivos X-dor em duas subclasses: os profissionais e os habituais<sup>15</sup>. Na literatura linguística, é comum e já consagrada a descrição dos agentes habituais como extensão polissêmica dos profissionais. Entretanto, Soledade questiona essa unidirecionalidade ao afirmar que

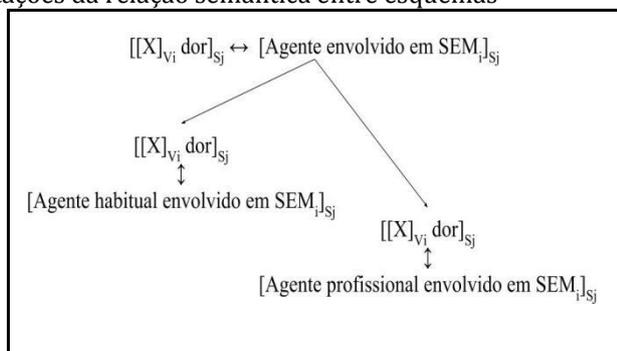
[...] observamos que **qualquer agente habitual, em tese, pode ser recategorizado como agente profissional**<sup>16</sup>, ou seja, é uma questão de conceptualização que depende do uso, da necessidade expressiva dos indivíduos, das relações interacionais e socioculturais dos agentivos em dada comunidade linguística, e que essa conceptualização em nada depende das relações de herança da base. (...) Assim, **o corredor profissional se distingue do corredor amador/habitual, não por uma maior frequência ou habitualidade da ação, mas sim pelo fato de o profissional utilizar-se de conhecimentos teóricos e práticos** que lhe permitem realizar a ação com uma maior eficiência; **além disso, os corredores profissionais são financeiramente recompensados**. [grifos meus] Soledade (2018: 251)

Soledade atenta para o fato de que o grupo dos profissionais estar contido no grupo dos habituais. A autora conclui, portanto, que ambas as construções estabelecem uma relação metonímica de conteúdo-continente. Sua crítica, então, está na impossibilidade de representar essa relação polissêmica entre os dois subesquemas (imagem à esquerda) nos moldes propostos por Booij (imagem à direita).

Figura 8 - Contraste entre representações da relação semântica entre esquemas



Fonte: Soledade (2018)



Fonte: Elaboração própria

Na comparação entre as duas figuras, observa-se “*que o modelo de esquematização/representação em hierarquização vertical proposto por Booij não dá conta, até então, dos efeitos metonímicos ou metafóricos que incidem nos subesquemas e os relacionam entre si*” (SOLEDADE, 2018: 253).

Outro problema discutido pela autora é a não inclusão da herança semântica da base na geração de polissemia e de padrões produtivos. Toma como exemplo o sufixo -udo, cuja contraparte semântica pode ser parafraseada por “*provido de característica física ressaltada relativa a [sentido da base]*”, a exemplo de ‘narigudo’, ‘beijudo’ etc.. Porém, quando as bases não designam partes do corpo, o significado recorrente segue a paráfrase “*que se assemelha a [sentido da base]*” (ex. ‘abelhudo’; ‘carrancudo’; ‘troncudo’). Logo, é a natureza semântica da base que determinará o sentido da construção.

É importante perceber que o caso discutido pela autora não é de uma palavra específica cujo significado foge ao previsto devido à semântica da base, caso já previsto e passível de descrição pelo mecanismo de *herança default* (BOOIJ, 2010). No caso em questão, há dois grupos de palavras que diferem não por propriedades morfossintáticas mas semânticas (denotar parte do corpo vs não parte do corpo). Com isso, Soledade chama atenção para o fato de que “*é a natureza semântica da base que determinará o sentido da construção*”. (SOLEDADE, 2018: 249). Sua crítica recai sobre o modelo não oferecer proposta para incluir a herança da base nas representações:

[...] em sua proposta de representação da polissemia dos esquemas construcionais, a herança semântica da base não encontra espaço para ser especificada. [...] nesse tipo de formulação esquemática, não há como tratar da natureza semântica da base, ou seja, a herança da base não se enquadra na especificação dos subesquemas formulados (...) o que nos deixa o questionamento acerca de como adequar o modelo para dar conta desse aspecto.

A autora conclui que essa tarefa é impossível em representações lineares. Vê-se que ainda há questões bastante controversas e que precisam de adequação para uma melhor descrição das estruturas morfológicas. O que foi apresentado nesta seção é apenas uma amostra do que já se tem refletido e debatido acerca de alguns pontos polêmicos da MC. Há, porém, outros aspectos que precisam de desdobramentos, como o tratamento da flexão, por exemplo, de descrição ainda incipiente.

## PALAVRAS FINAIS

Apesar de, no modelo conhecido como Gramática das Construções, admitir-se que a palavra também pode ser entendida como uma construção, essa ideia não foi muito além da assunção teórica e poucos foram os trabalhos em morfologia nessa linha. A Morfologia Construcional, então, assume papel importante dentro da ciência linguística por ser um modelo teórico construcional não formalista com enfoque no nível da palavra – sua constituição interna, suas relações com outras palavras e com padrões de formação produtivos numa dada língua.

Embora tenha se demonstrado bastante promissor na análise de diversos padrões de formação (derivação, composição, recomposição, cruzamento vocabular etc.) e tenha alicerçado diversos trabalhos sobre a morfologia do português, o modelo precisa, como discutido anteriormente, de algumas extensões e adaptações, além de ancorar trabalhos que tratem de processos ainda não descritos por uma abordagem construcional. Espero, pois, que este texto tenha servido não só como uma apresentação à Morfologia Construcional, mas também como um chamado à pesquisa em morfologia nessa perspectiva.

## Notas

<sup>1</sup> Tal abordagem aproxima o modelo de Booij ao trabalho de Goldberg (1995). Entretanto, há uma diferença crucial entre as duas abordagens: enquanto esta insere morfemas no rol das construções gramaticais, aquele assume que afixos são formas presas lexicalmente não-marcadas que só se realizam quando vinculados a uma construção. Tal assunção coloca a Morfologia Construcional de Booij dentre os modelos baseados em palavras, em oposição aos modelos baseados em morfemas.

<sup>2</sup> O autor usa, na verdade, os termos *parcialmente fixadas* e *fixadas*. É, pois, uma mera diferença terminológica. Optou-se aqui por manter os termos comumente usados na Gramática das Construções.

<sup>3</sup> *Esquema de segunda ordem* (BOOIJ, 2016: 435) são esquemas de esquemas, ou seja, é um esquema que envolve dois ou mais esquemas.

<sup>4</sup> Em ambos os casos, português e italiano, vê-se uma nítida herança do comportamento morfológico verbal e nominal latinos.

<sup>5</sup> Em português, compostos adjetivos são formados apenas se [X] e [Y] pertencerem à categoria 'adjetivo', a exemplo de "afrobrasileiro" - [ [afro]<sub>A</sub> [brasileiro]<sub>A</sub> ]<sub>A</sub>. Qualquer outra combinação no interior de um composto resulta em substantivos. Cabe ressaltar ainda que o resultado da combinação A + A frequentemente é usado como substantivo, assim como acontece com diversos adjetivos simples, como se pode ver nas frases "O surdo-mudo finalmente vai aprender LIBRAS" e "O lateral-direito salvou o jogo já no fim da prorrogação".

<sup>6</sup> Para uma lista exaustiva das formações com bolsa-, auxílio- e vale-, ver Faria (2011, p. 191-202). Para mais dados de formações maria-X, X-bomba e mulher-X, ver Gonçalves (2016, p. 52-58)

<sup>7</sup> A meu ver, o modelo formalista que melhor oferece ferramentas para o tratamento da composição em português é a Fonologia Lexical (Ver: Lee (1995) ). Ainda assim, o modelo não dá conta de questões semânticas sistemáticas como projeções metafóricas ou metonímicas regulares.

<sup>8</sup> Casos em que propriedades regulares previsíveis não se estendem ao nó dominado são tratados por Booij a partir da noção de herança *default*. Herança *default* pode ser definida nos seguintes termos: “A especificação de uma palavra para uma propriedade particular é herdada do nó dominante, a menos que a entrada lexical real tenha outra especificação para aquela propriedade” (BOOIJ, 2010, p. 27).

<sup>9</sup> O trabalho de Alves & Gonçalves (2014) não se vale do arcabouço da Morfologia Construcional, pois é uma proposta de categorização radial dos vários significados do sufixo -ão. Isso significa que, ressalvado o fato de que não se possa fazer uma separação rígida entre semântica e morfologia, o referido trabalho é muito mais uma abordagem semântica do que morfológica. A Figura 3 é, pois, uma adaptação minha da rede semântica proposta pelos autores à Morfologia Construcional.

<sup>10</sup> Internacionalismo, na visão de Ralli (2010: 03), é um termo usado como “*descrição pragmática de palavras morfofonologicamente semelhantes em diferentes línguas, que, formadas com elementos do grego e do latim, expressam o mesmo conceito*”.

<sup>11</sup> Segundo Tavares da Silva (2013), os estudos sobre eletricidade e o uso dos termos neolatinos referentes ao fenômeno começam na Inglaterra e são atribuídos ao inglês William Gilbert (1540 – 1603). Já o uso de palavras em inglês para os conceitos referentes a fenômenos elétricos é atribuído ao físico Sir Thomas Browne (1605 – 1682).

<sup>12</sup> Assumpção Jr. (1986: 109) define decalque como “*a aquisição de forma léxica ou locução estrangeira, através da substituição, por forma léxica vernácula, de significação equivalente criada para esse fim*”. Para Pisani (1967: 79), o decalque é “*especialmente usado quando se devem criar palavras para exprimir um conceito novo chegado do exterior, e não se quer adotar a palavra estrangeira*”.

<sup>13</sup> Entende-se por afixoide elementos neoclássicos ressemantizados (TAVARES DA SILVA, 2013: 33). São elementos que têm comportamento muito próximo ao de prefixos.

<sup>14</sup> Grosso modo, *prolificidade* é o número de palavras de uma dado padrão de formação, que pode ser resultado de várias sincronias. Já a produtividade tem a ver com a capacidade de um esquema gerar, sincronicamente, palavras novas.

<sup>15</sup> O mesmo acontece com os agentivos X-eiro(a).

<sup>16</sup> Exemplos recentes comprovam a afirmativa da autora. O termo ‘blogueiro’ surge na língua como um habitual. Hoje, com os avanços tecnológicos e com o aumento expressivo do microempreendedorismo individual, já é possível ver pessoas fazendo dos blogs uma atividade profissional. Esse é um nítido caso em que fatores extralinguísticos variados estão impulsionando uma recategorização de um termo no sentido inverso do tradicionalmente esperado.

ALVES, R. S.; GONÇALVES, C. A. V. O processo de formação de palavras com afixo aumentativo -ão: uma análise cognitivista. **Revista Philologus**, Ano 20, Nº 60 Supl. 1: Anais da IX JNLFLP. Rio de Janeiro: CiFEFiL. 2014.

ANDRADE, K. E.; RONDININI, R. As “ianes” do porão: análise morfo-pragmática das atuais construções X-iane. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 20, n. 38, p. 121-147, 1º sem. 2016.

ARONOFF, M. **Word formation in generative grammar**. Linguistic Inquiry. Monography I. Cambridge: Mass/ Mit Press. 1976.

ASSUMPÇÃO Jr., A. P. de. **Dinâmica léxica portuguesa**. Rio de Janeiro: Presença, 1986.

BOOIJ, G. Compounding and derivation: evidence for construction Morphology. In: DRESSLER, W. et al. (eds.). **Morphology and its demarcations**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2005.

\_\_\_\_\_. Construction Morphology and the Lexicon. In: MONTERMINI, F.; BOYÉ, G.; HATHOUT, N. (eds.). **Selected proceedings of the 5th Décembrettes: Morphology in Toulouse**. Somerville: Cascadilla Press, 2007.

\_\_\_\_\_. **Construction Morphology**. Oxford: Oxford University Press, 2010.

\_\_\_\_\_. **Morphology in Construction Grammar**. In: HOFFMAN, T.; TROUSDALE, G. (orgs.). **The Oxford Handbook of Construction Grammar**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

\_\_\_\_\_. **Construction Morphology**. In: HIPPISEY, A.; STUMP, G. T. (eds.). **The Cambridge Handbook of Morphology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2016.

CUNHA, A. G. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro. Lexikon, 1982.

FARIA, A. L. **Motivações morfossemânticas das construções compostas N-N do português brasileiro**. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas). Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.

FILLMORE, C. J. Frame semantics. *Linguistics in the morning calm*, ed. **The Linguistic Society of Korea**, Seoul: Hanshin. 1982.

GOLDBERG, A. E. **Constructions: a construction grammar approach to argument structure**. Chicago; London: The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. E.; JACKENDOFF, R. **The English resultative as a family of constructions**. *Language*, Cambridge, v.80, n.1, p.532-569, 2004.

GONÇALVES, C. A. **Atuais tendências em formação de palavras**. São Paulo. Contexto. 2016.

\_\_\_\_\_.; ALMEIDA, M. L. L. Morfologia construcional: principais ideias, aplicação ao português e extensões necessárias, **Alfa**, São Paulo, 58 (1). 2014.

GONCALVES, C. A.; PIRES, J. A. O. Morfologia construcional aplicada à mudança morfológica: da composição à derivação. In: GONÇALVES, C. A. (Org.). **Morfologia**

**Construcional:** uma introdução. 1ed. Rio de Janeiro: Editora Contexto, 2016.

GONÇALVES, C. A.; OLIVEIRA, P. A. de. Morfologia Construcional aplicada à Recomposição. In: GONÇALVES, C. A. (Org.). **Morfologia Construcional:** uma introdução. 1ed. Rio de Janeiro: Editora Contexto, 2016.

\_\_\_\_\_; CARVALHO, W. B. Morfologia Construcional aplicada à flexão. In: GONÇALVES, C. A. (Org.). **Morfologia Construcional:** uma introdução. 1ed. Rio de Janeiro: Editora Contexto, 2016.

\_\_\_\_\_; VIALLI, L. A. D. Morfologia Construcional aplicada à composição reduplicativa. In: GONÇALVES, C. A. (Org.). **Morfologia Construcional:** uma introdução. 1ed. Rio de Janeiro: Editora Contexto, 2016.

\_\_\_\_\_; VIALLI, L. A. D. Abordagem construcional da reduplicação de base verbal em português. **Acta Semiótica et Linguística**. João Pessoa, 22 (1), 2017.

HOUAISS. **Dicionário Digital da Língua Portuguesa**. versão 1.0. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

LEE, S.-H. **Morfologia e Fonologia Lexical do Português do Brasil**. Tese (Doutorado em Ciências). Campinas: UNICAMP, 1995.

PIRES, J. A. O. **Uma abordagem construcional dos splinters não nativos no português do Brasil**. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas). Rio de Janeiro: UFRJ, 2018.

PISANI, V. **Linguistica generale e indeuropea**. Torino: Rosenberg & Sellier, 1967.

RALLI, A. Compounding versus derivation. In: SCALISE, S.; VOGEL, I. (eds.) **The Benjamins Handbook of Compounding**. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2010.

ROSITO de OLIVEIRA, A. C. **As formações X-nejo no português do Brasil:** uma análise construcional. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Rio de Janeiro: UFRJ, 2017.

SIMÕES NETO, N. A. **Um enfoque construcional sobre as formas X-eir-:** da origem latina ao português arcaico. 2016. 655 p. 2 tomos. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

\_\_\_\_\_; Morfologia Construcional e alguns desafios para a análise de dados históricos da língua portuguesa. **DOMÍNIOS DE LINGU@GEM**, v. 11, p. 468-501, 2017a.

\_\_\_\_\_; Uma aplicação da morfologia construcional para a língua latina: o caso das construções x-ariu. **LINGUISTICA Y LITERATURA**, v. 38, p. 30-53, 2017b.

\_\_\_\_\_; *Compostos com síndrome e complexo no português brasileiro: uma abordagem construcional*. **Fórum Linguístico**, v. 15, p. 3373-3394, 2018.

\_\_\_\_\_; SOLEDADE, J. Um enfoque da Morfologia Construcional sobre as construções X-ário no português arcaico. **PONTOS DE INTERROGAÇÃO (ONLINE)**, v. 5, p. 143-171, 2015.

\_\_\_\_\_; SOLEDADE, J. Nomes masculinos X-son na antroponímia brasileira: uma abordagem morfológica, histórica e construcional. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 26, n. 3, p. 1295-1350, 2018.

SOARES da SILVA, A. **O mundo dos sentidos em português: polissemia, semântica e cognição**. Coimbra: Almedina, 2006.

SOLEDADE, J. Experimentando esquemas: um olhar sobre a polissemia das formações [[X-EIR]N] no português arcaico. **Revista Diadorim / Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, número especial, 2013.

\_\_\_\_\_. Por uma abordagem cognitiva da morfologia: revisando a morfologia construcional. In: ALMEIDA, A. D.; SANTOS, E. S. (Orgs.). **Linguística Cognitiva: redes de conhecimento d'aquém e d'além-mar**. Salvador, EDUFBA, 2018.

TAVARES DA SILVA, J. C. **O estatuto morfológico do formativo eletro- em português**. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Rio de Janeiro: UFRJ, 2013.

\_\_\_\_\_. **Esquemas de imagem na formação de denominais em português: o caso de -eiro e -ário**. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas). Rio de Janeiro: UFRJ, 2017.

TOMASELLO, M. Do young children have adult syntatic competence? , **Cognition** 74. 2000.

VIALLI, L. A. D. **Reduplicação de base verbal: uma análise pela morfologia construcional**. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas). Rio de Janeiro: UFRJ, 2013.

---

### Para citar este artigo

---

SILVA, J. C. T. da. A abordagem construcional nos estudos da morfologia do português: o modelo boojiano em terras brasílicas. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 8., n. 2., 2019, p. 109-135.

---

### O Autor

---

**João Carlos Tavares da Silva** é doutor em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestre em Língua Portuguesa e Bacharel em Letras - Português/Literaturas também pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.